

# Tempo, projetos e vida em *O Diário confessional*, de Oswald de Andrade

---

**André Masseno**  
Universität Zürich  
• [andre.masseno@rom.uzh.ch](mailto:andre.masseno@rom.uzh.ch)

DOI [https://doi.org/10.34913/  
journals/lingualugar.2022.e976](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e976)

**Resenha: *Diário confessional*,  
Oswald de Andrade.  
Org. Manuel da Costa Pinto.  
São Paulo: Companhia das Letras,  
2022.**

Neste ano de 2022, entre homenagens entusiasmadas e posicionamentos contestadores, o centenário da Semana de Arte Moderna é marcado por revisões críticas acerca das tramas da consagração do referido evento. A abertura dos arquivos de seus participantes pode oferecer outras camadas de leituras não somente sobre a Semana, mas também, e especialmente, acerca da dinâmica da vida e do entorno social de figuras célebres do modernismo para além daquela efeméride. A consulta de anotações, correspondências e diários, aliada ao seu incontestável valor literário e apesar do acúmulo de informações – que, no caso do discurso diarístico, podem mais esconder do que supostamente revelar, – permite o exercício de uma mirada crítica mais ampla, sem aprisionar as personalidades modernistas no período festivo da Semana de 22. Neste sentido, o até então inédito *Diário confessional*, de Oswald de Andrade, organizado por Manuel da Costa Pinto e editado este ano pela Companhia das Letras, é uma contribuição ímpar ao apresentar uma contranarrativa feita pelo próprio Oswald, agora apartado daquela etapa mais vigorosa e juvenil de sua vida.

O volume transcreve os diários escritos pelo autor em sete cadernos que vão do ano de 1948 a 1954. Os diários são seguidos pelos escritos “A Antropofagia como visão do mundo” e “Semana de 22, trinta anos” – título deste último dado pelo organizador para uma série de anotações oswaldianas acerca do evento modernista e seus personagens – e por uma sucinta porém cuidada cronologia biográfica encerrando a publicação.

*Diário confessional* pode ser considerado o segundo volume de uma escrita por vezes memorialista, sendo o primeiro *Um homem sem profissão: sob as ordens da mamãe*, que cobre o período de 1890 e 1919, e publicado meses antes do falecimento do autor. *Diário confessional* nem sempre é constituído por reminiscências do passado e que caracterizam o discurso memorial. Ele está mais em diálogo com o formato dos diários, que, em linhas gerais, se compõem de entradas acerca de acontecimentos comezinhos, de comentários aparentemente sem pretensões literárias e mais afeitos a uma regulação do tempo privado. *Diário confessional* forma uma espécie de díptico com *Um homem sem profissão...*, pois a escrita diarística e o relato memorial em Oswald são, conforme bem apontado por Manuel da Costa Pinto, “variantes formais e existenciais de um mesmo documento da ‘maioridade’” (Andrade, 2022, p. 10).

Cabe lembrar que Oswald de Andrade, impulsionado pela sugestão do crítico literário Antonio Candido, planejara este diário como parte de um grande projeto memorialista. Em resposta a Alcântara Silveira, assim descreve o autor o seu intuito:

Tive diário na mocidade que depois serviu para alguns dos meus livros. Hoje apresso-me em escrever minhas memórias. Fiz isso depois de grande hesitação. Contar pelo meio, não é de meu caráter. Contar tudo seria talvez desmoralizar o mundo. Este fim de mundo que não passa de um fim apressado da sociedade. Resolvi o caso redigindo, como estou, um *Diário confessional* que será – é o que pretendo – a história das minhas convicções e das minhas ideias, mas onde entra, é verdade, grande lastro de confidências e de queixas. Um diário a gente faz para gritar. É o sentido da velha catarse (Andrade, 2022, p. 91).

Na realidade, *Diário confessional* é uma escrita da maturidade que avança no tempo enquanto o autor vai descrevendo arroubos de desesperança diante de um ciclo de falência econômica infundável. Em certos momentos, as páginas revelam um Oswald que anseia por um acerto de contas com as dívidas, econômicas e simbólicas. Um relato sufocante de perdas e ganhos vai se delineando em meio a endividamentos intermináveis e herdados do pai, que falecera deixando parte do patrimônio hipotecado. Em uma rotina de economias deficitárias, o ideário suicida intensifica-se, assim como o sentimento de angústia provocada pela penúria econômica que ameaça a subsistência de sua família e dependentes. Um Oswald de corpo enfermo, indisciplinado no seguimento de dietas alimentares, e com os nervos à flor da pele, pormenoriza suas negociações incansáveis com credores, diretores de bancos, corretores e agiotas: “Sou um rato vivo, pulando atrás do queijo que tenho direito a sonhar para mim e para os meus” (Andrade, 2022, p. 71).

Em outros momentos, é possível vislumbrar um Oswald pós-euforia modernista e cada vez mais antropofágico, um devorador de leituras variadas, indo desde a filosofia à literatura ficcional. O Oswald de *Diário confessional* é um escritor de construções conceituais mais rebuscadas e que avançam para além do seminal “Manifesto Antropófago” de 1928. Com isso, o diário apresenta a figura do Oswald leitor que vai comprovando para si a relevância da Antropofagia a partir de literaturas alheias, que lhe dão ânimo e força intelectual para avançar os estudos apesar das adversidades. A tentativa de revigorar o debate antropofágico é uma constante, buscando pô-lo em diálogo com a realidade e o meio intelectual da época. Ao mesmo tempo, a escrita diarística oswaldiana descreve a esperança em possibilidades que se desmancham, como a publicação da *Pequena enciclopédia proletária* ou a oferta de um curso na Suécia. *Diário confessional* dá a ver um Oswald que, mesmo debilitado, está cercado por diversos projetos, como por exemplo a elaboração do poema “Experiência Passaláquia”, que se insere nas páginas do diário como um *work in progress*, e de cenas para um terceiro volume jamais publicado de *Marco Zero*. Ademais, o diário surge como uma postura ávida por querer ser mais veloz que o tempo, que devora forças e vida: “O que me levou ao *Diário confessional* que estou redigindo foi o medo de não poder terminar a filosofia imatura em que trabalho” (Andrade, 2022, p. 91).

No âmbito da escritura, *Diário confessional* é uma acumulação de apontamentos telegráficos que aparentam ser pontos de partida para futuros textos mais caudalosos. Estas anotações breves e sucintas intercalam-se com passagens de maior fôlego, mais descritivas ou de caráter reflexivo. Estas últimas deixam sobressair a carpintaria literária oswaldiana em exercício. Em certos trechos, *Diário confessional* é um espaço poroso que permite as intervenções de outras grafias, como a da esposa Maria Antonieta d’Alkmin, que exerce a função de transcritora de algumas passagens sob o comando do diarista, e a da filha Marília de Andrade com seus rabiscos infantis.

Não se pode esquecer aqui o tom do célebre Oswald irônico e ácido ao discorrer sobre algumas figuras literárias e o contexto político da época, como a visão do partido comunista como instituição vigilante dos passos intelectuais a ela afiliados. Neste sentido, as entradas reunidas sob o epíteto de “Semana de 22, trinta anos” são exemplares, e que não impedem também de relevar a importância que o autor atribuía a figuras como as de Mário de Andrade e João do Rio, entre outras, para se pensar o legado modernista e, com isso, fazer o balanço do movimento frente ao panorama literário delineado no começo da metade do século XX. Além

disso, as páginas de *Diário confessional* oferecem traços da vida pública do Oswald intelectual, seu contato com Albert Camus, Josué de Castro, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Oscar Niemeyer, entre outras personalidades do meio literário e cultural.

No tocante à organização dos diários, é visível o trabalho meticuloso de Manuel da Costa Pinto em ordenar, de forma cronológica e com auxílio de notas, as informações caóticas de Oswald de Andrade. Tenta-se assim resolver a descontinuidade de uma leva de entradas do diário que estavam distribuídas em cadernos diferentes. A dispersão escritural de um diarista indócil, que acumulava anotações não datadas, fichamentos de leituras, rascunhos de cartas, pronunciamentos e de trechos de colunas publicadas nos jornais, é um traço intrínseco ao processo movediço e afetivo da escrita oswaldiana. O material disperso é contudo demasiado próximo do autor, que considera ainda ser muito cedo para lapidá-lo e ordená-lo: “Este *Diário confessional*, no entanto, é vivido demais. Torna-se episódico. Não tive ainda distância para *panoramar* a minha vida inconclusa” (Andrade, 2022, p. 205 – grifo de Oswald). Entretanto, a edição de *Diário confessional* adquire uma estrutura diacrônica, embora o gesto do diarista fosse dotado muitas vezes de um impulso que oscilava entre o anacrônico e o sincrônico.

Oswald de Andrade demonstra-se ciente da importância de manipulação e reescrita dos diários, pois estes deveriam criar um sentido para o leitor: “Não releio estes cadernos brutos do meu diário, este o de capa azul para ter mais tarde uma visão de conjunto e assim poder trabalhá-los” (Andrade, 2022, p. 119). Contudo, o caos e o adiamento do exercício efetivo da edição, algo que o diarista vislumbrava como prática bastante posterior, é evidente no fato de que páginas do diário serviam de espaço para o cálculo das dívidas. A vida em meio a cifras negativas invadia o mundo das letras. Contudo, as contas foram suprimidas na presente edição impressa dos diários, em decorrência do “teor altamente contábil” de tais passagens (cf. Andrade, 2022, p. 199). Se, por um lado, há uma supressão das cifras deste “diário de dívidas” por parte do organizador, por outro, tal gesto evidencia, por via da omissão, um sentimento trágico que, quando não aparece cifrado, se situa para além daquelas páginas: “O trágico neste diário são as ausências, os claros, os dias sem anotações” (Andrade, 2022, p. 173). É como se as descrições e os números inscritos naqueles sete cadernos jamais pudessem dar conta da real tragicidade que se abatia sobre a rotina de Oswald, conforme ele mesmo explicita: “Minha vida é mostrar terreno e trotar pela rua. Deixei estudos, leituras, tenho medo de desabar morto deixando tudo assim” (Andrade, 2022, p. 196).

Mas as agruras do corpo modernista enfermo, afogado em dívidas e sem segurança no andamento de seus projetos, não o impede de, em alguns momentos, oscilar entre o fardo do fracasso e o alimento de uma centelha utópica: “Confesso que estou completamente escangalhado [...]. Mas sinto que trago nos bolsos os segredos atômicos. Hei de revirar o mundo mosaico com a Antropofagia” (Andrade, 2022, p. 411). Neste sentido, vale a pena mencionar o inconcluso e também inédito texto “A Antropofagia como visão do mundo”, datado de 1930 porém inserido no volume de *Diário confessional* sob a alegação de seu formato ali apresentado ter sido elaborado no período de convalescência do ator em uma de suas internações. Ali, o desenvolvimento das hipóteses antropofágicas lança mão da criação de termos conceituais como “empreendimento fáustico” e “acomodação sancha” (Andrade, 2022, p. 540), cujo aspecto inusitado lhes confere um tom ao mesmo tempo poético e teoricamente inovador. Permitindo-nos um trocadilho, e parodiando o título do filme de Glauber Rocha, “A Antropofagia como visão do mundo” é uma espécie de “Fausto e Sancho na terra (antropofágica) de Oswald”, onde o autor busca argumentar o devorativo como elemento fundante de uma humanidade apartada do viés da cultura e da moral, fora do ímpeto colonizador ocidental e da aceitação massificada do senso comum. O texto ademais é relevante pelo giro epistemológico proposto, ao enfatizar uma maior problematização sobre a esfera do consumo do que sobre os processos de produção, que seria legatário do pensamento marxista.

*Diário confessional* é um projeto em alguns momentos ostentado e em outros posto em dúvida. Oswald resolve tal hesitação ao decretar o fim do ciclo dos diários em 1954, no dia de seu aniversário de 64 anos. As descrições retalhadas da vida comezinha, um traço peculiar dos diários, são por vezes substituídas por passagens cuja linguagem elaborada amplia a noção convencional do gênero diarístico, transformando-o em espaço para o exercício da carpintaria literária e do experimento filosófico. Neste sentido, *Diário confessional* vai para além do suposto e esperado relato da intimidade para apresentar-se como uma escrita plural: diário de uma vida de contabilidades e dívidas; registro de processos de criação e de exercício intelectual; autorretrato da crise pessoal e do corpo enfermo; crônica enviesada da decadência econômica de uma fatia da sociedade paulista herdeira do latifundiário urbano.

Em suma, *Diário confessional* dismantela a visão de berço e vida esplêndidos que comumente recai sobre certos participantes do movimento modernista e para quem, na realidade, “[a] vida é uma calamidade a prestações” (Andrade, 2022, p. 123) e muito distante do tom festivo e

utópico da Semana de Arte Moderna de 1922. Ademais, *Diário confessional* é um desenrolar de quedas, registros dos desajustamentos simbólicos de Oswald de Andrade com a retidão da verticalidade – não é por acaso que, em certos momentos, o autor chega a relatar seus tombos e tropeços constantes no espaço público. Por outro, *Diário confessional* é o grito catártico da fome pela sobrevivência, por uma vida pós-utópica cujo corpo, embora aquebrantado, ainda encontra forças para lutar diante da força do capital: “Os negócios vão indo. Forçado a viver o jogo bruto do capitalismo, aguento mal a parada, mas de vez em quando dou duro” (Andrade, 2022, p. 562).

---

### **Bibliografia**

Andrade, O. de. (2022). *Diário confessional*.  
Org. Manuel da Costa Pinto. São Paulo:  
Companhia das Letras.